

VIII CONFERÊNCIA DE MIIS

MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E INTERVENÇÃO SOCIAL



Livro de Atas

8.ª Conferência Internacional de Mediação Intercultural e Intervenção Social

Ócio, Jogo e Brincadeira: Aprendizagens e Mediação Intercultural



Ricardo Vieira
José Carlos Marques
Pedro Silva
Ana Maria Vieira
Cristóvão Margarido
Rui Matos

(Orgs.)

**Ócio, Jogo e Brincadeira:
Aprendizagens e Mediação Intercultural**

**8.^a Conferência Internacional
Mediação Intercultural e Intervenção Social**

Conferência realizada a 27 e 28 de novembro de 2020

Livro de Atas

Ficha Técnica

Título: Livro de Atas:

8.ª Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social – Ócio, Jogo e Brincadeira: aprendizagens e mediação intercultural.

Organizadores: Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Vieira, Cristóvão Margarido, Rui Matos

Edição: CICS.NOVA.IPLeiria e ESECS.Politécnico de Leiria

ISBN - 978-989-8797-57-5

Abril de 2021

Os textos incluídos neste livro foram objeto de avaliação científica pela Comissão Científica da Conferência.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa e pela ESECS.IPLeiria.



Centro Interdisciplinar
de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeiria



Comissão organizadora

Ana Maria Vieira, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

Cristóvão Margarido, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

José Carlos Marques, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

Pedro Silva, CIIE, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

Ricardo Vieira, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria

Rui Matos, CIEQV e Instituto Politécnico de Leiria

Comissão Científica

Abílio Amiguinho, Instituto Politécnico de Portalegre
Amélia Lopes, Universidade do Porto
Américo Peres, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Ana Camões, Instituto de Estudos Superiores de Fafe
Ana Maria Vieira, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria
Ariana Cosme, Universidade do Porto
Catarina Mangas, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria
Cláudia Luísa, Universidade do Algarve
Cristiana Madureira, Agrupamento de Escolas Dr. Júlio Martins (mediadora socioeducativa)
Cristóvão Margarido, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria
Dália Costa, Universidade de Lisboa
Encarnacion Bás Penha, Universidade de Múrcia
Esperança do Rosário Jales Ribeiro, Instituto Politécnico de Viseu
Evangelina Bonifácio, Instituto Politécnico de Bragança
Filipa Coelho, Instituto Superior de Ciências Educativas, Odivelas
Florbelá Gandra, ESE Paula Frassinetti
Isabel Baptista, Universidade Católica Portuguesa
João Ruivo, Instituto Politécnico de Castelo Branco
José António Caride, Universidade de Santiago de Compostela
José Carlos Marques, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria
Leonor Teixeira, Instituto Politécnico de Santarém
Luís Alcoforado, Universidade de Coimbra
Manuel Sarmento, Universidade do Minho
Maria Helena Mesquita, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Castelo Branco
Maria João Hortas, Instituto Politécnico de Lisboa
Miguel Prata Gomes, ESE Paula Frassinetti e Instituto Politécnico de Leiria
Paulo Delgado, Instituto Politécnico do Porto
Pedro Silva, CIIE, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria
Ricardo Pocinho, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria
Ricardo Vieira, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria
Rita Gradaille Pernas, Universidade de Santiago de Compostela
Roberto Macedo, Universidade Federal da Bahia
Rosa Novo, Instituto Politécnico de Bragança
Rui Matos, CIEQV e Instituto Politécnico de Leiria
Rui Pinto, Instituto Politécnico do Porto
Rui Santos, CICS.NOVA.IPLeiria e Instituto Politécnico de Leiria
Rui Trindade, Universidade do Porto
Sandra Antunes, Instituto Politécnico de Viseu
V́ctor Arufe Giráldez, Universidade da Corunha
Victoria Pérez de Guzmán Puya, Universidade Pablo de Olavide
Xosé Manuel Cid, Universidade de Vigo

Índice

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. Conferência de Abertura, Mesa Redonda e Workshops	11
Educar para o Ocio: un Desafío Comunitario	12
Brinquedos Populares: um Património Inspirador e sem Fronteiras	19
Gaming, Simulação e Mediação Intercultural	27
O Mediador como Provocador Motor.....	35
CAPÍTULO 2. Jogos Eletrónicos e Dispositivos Digitais.....	40
Os jogos eletrónicos como dispositivos mediadores: caminhos possíveis para formação de licenciandos numa universidade pública do Brasil	41
Jogos eletrônicos violentos: uma catarse ou um detonador de violência?	51
CAPÍTULO 3. Ócio, Jogo e Brincadeira: Potencialidades Educativas.....	60
Ócio, jogo e brincadeira: que potencialidades? Que desafios?	61
Jogos e brincadeiras no horário livre: processos educativos em construção.....	70
Bumba meu boi: uma reflexão das danças do brasil	77
CAPÍTULO 4. Jogos, Saúde, Identidades e Inclusão.....	88
Projeto jogamos tudo, brincamos todos: o arranque.....	89
Intervenção psicomotora com crianças com perturbação do espectro do autismo: resultados preliminares de uma revisão sistemática	98
O “Poder” brincar: O espaço da brincadeira na reabilitação da criança com deficiência ..	106
ProLearn4ALL: a brincadeira e o jogo a favor da construção de recursos lúdico-pedagógicos inclusivos.....	111
Un acercamiento a la juventud con discapacidad desde el aprendizaje en el ámbito del ocio	120
CAPÍTULO 5. Jogos Didáticos e Experiências Escolares	128
O jogo educacional Multipli enQuanto atividade lúdica e de aprendizagem matemática ..	140
Explorando o ócio criativo a partir das histórias em quadrinhos	151
Atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem.....	157
Jogos didáticos - uma nova perspectiva de ensino	164
Jogos e ensino: <i>Um novo panorama para o ensino-aprendizagem</i>	174
O círculo mágico na sala de aula: “os lusíadas” em board game.....	184
CAPÍTULO 6. Ócio, Jogo e Brincadeira: Populações Adultas e Relações Intergeracionais	194
El ocio y sus beneficios para las personas mayores ante el nuevo escenario demográfico	195
Adultos brincantes: o lúdico que permeia o viver	202
Projeto mãos da terra:	212
Jogo sementes de saber entre gerações	212

Músicos com + de 90 anos. Estudo de caso	220
A(voz) e netos	230
CAPÍTULO 7. O Jogo e o Brincar em Tempo de Pandemia	239
O brincar intercultural de crianças imigrantes durante a pandemia no Rio de Janeiro	240
Ócio cultural-digital: família <i>em</i> cena conectada em tempos-espacos de isolamento social/covid19	250
Juego y covid-19 en el contexto español.....	260
Brincar no jardim de infância em tempo de covid-19: o que mudou na percepção da criança?	267
CAPÍTULO 8. Jogo e Investigação.....	276
O jogo da investigação antropológica	277
O jogo e a brincadeira como instrumento pedagógico promotor da qualidade no campo da prática pedagógica.....	284
Mediando percepções urbanas através do planeamento colaborativo rápido: o sistema de transportes da Marinha Grande durante um fórum técnico sobre mobilidade e desenvolvimento sustentável	295
CAPÍTULO 9. Jogos e Mediação Intercultural em Contexto Escolar	302
A animação sociocultural como estratégia preventiva de conflitos escolares: uma percepção dos alunos do 1º ciclo do ensino básico	303
Culture, arts, sport et loisir dans une politique d'éducation intégrale au Brésil	313
Jogos educativos de origem africana e afro-brasileira	323
CAPÍTULO 10. Ócio, Jogo e Desenvolvimento Comunitário	335
Quem canta seu mal espanta: educação social, mediação intercultural, animação e desenvolvimento comunitário	336
Recolha e organização de uma exposição etnológica: o lúdico e o ócio na animação e desenvolvimento comunitário	343
<i>Homo ludens</i> , tempo livre e animação sociocultural. O lúdico como práxis comunitária	351
Sobre os Organizadores.....	361

Recolha e organização de uma exposição etnológica: o lúdico e o ócio na animação e desenvolvimento comunitário

Ricardo Vieira¹, Ana Maria Vieira²

¹ ESECS - Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPL^{Leiria}

² ESECS - Politécnico de Leiria e CICS.NOVA.IPL^{Leiria}

RESUMO

Na segunda metade da década de 80, jovens licenciados na área das ciências sociais e humanas deixaram Lisboa e outras cidades onde estudaram, e voltaram à aldeia que os viu nascer para viver e procurar desenvolver localmente. Procuraram pôr de pé algumas das aprendizagens que haviam feito na área da museologia e da antropologia. Uma exposição etnológica foi o recurso e processo para juntar gerações, quer como investigadores de si e dos seus familiares, quer como promotores e visitantes assíduos do espaço musealizado para o efeito. Após o desafio desses jovens, acolhido por uma associação cultural, recreativa e desportiva, avós, pais e netos viram-se juntos a procurar elementos e objetos culturais que pudessem ser expostos, devidamente identificados numa ficha temática, num centro cultural onde não houve a clássica separação de artistas e público, de quem anima e de quem é animado. Os proponentes limitaram-se a dar alguma informação inicial sobre os objetos que poderiam ser recolhidos, catalogados e expostos, através dum processo mediador e emancipador de quem vai ganhando gosto pela pesquisa etnográfica.

A exposição esteve patente ao público durante 3 meses do ano de 1985 e voltou a ser repetida e aprofundada, sempre com o empenho da população, no verão de 1987. Os sujeitos envolvidos foram sempre investigadores, de si e dos outros, atores e, simultaneamente, contempladores.

PALAVRAS-CHAVE

Ócio, lúdico, associativismo, animação sociocultural, etnografia, desenvolvimento comunitário.

O ESTUDO E A METODOLOGIA

A reflexão que apresentamos é biográfica e autobiográfica e resulta de uma etnografia sobre um trabalho etnográfico realizado no ano de 1985. Os autores fizeram parte do projeto de animação e desenvolvimento comunitário que o suporta. Refletem e avaliam, hoje, passados 33 anos, o alcance dum projeto inserido numa associação de que faziam parte, no reforço da identidade cultural, na tomada de consciência do património cultural de uma freguesia e no desenvolvimento comunitário.

No verão de 1985, a Associação Recreativa, Cultural e Desportiva de Albergaria (ARCUDA), realizou a primeira exposição histórica e etnológica de Albergaria dos Doze. Os autores deste texto eram sócios da associação e foram membros ativos da equipa dinamizadora do projeto de recolha e exposição. A exposição foi realizada na antiga igreja, reconstruída para Centro

Cultural Padre Petronilho, em 1995, após dois anos de restauro, e dela há diapositivos e muitas fotografias que preservam tal memória. Idêntica exposição foi realizada em julho de 1987, por parte da nova associação Grupo Etnográfico Canto da Terra (GECT), a propósito das comemorações do 1º aniversário do jornal “Os Doze”, desta vez, nas instalações, em construção, para a Casa do Povo de Albergaria dos Doze.

ASSOCIATIVISMO E ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

Em tempo de incertezas e de individualismo, de solidão, de desigualdade e de exclusão, o associativismo apresenta-se como potenciador do desenvolvimento humano.

Efetivamente, as associações geram entre os seus associados e com as comunidades nas quais se encontram inseridas, um alargado movimento de ação que contribui para uma melhor qualidade de vida dos cidadãos.

Tal como refere Mendes (2005, p. 8), “Os movimentos associativos são espaços de convívio, sociabilidade e educação não formal sem igual” nos quais o ser humano tem a possibilidade de trabalhar em equipa, de trabalhar em parceria, participando ao nível da decisão e da implementação de ideias; projetos e atividades [...] (Cunha e Pereira, 2015, p. 191).

Muitas comunidades devem a associações culturais, a bandas filarmónicas, a grupos de teatro, a tunas musicais, etc. a transmissão de diversas artes do espetáculo, ensino/aprendizagem de música e de instrumentos musicais, história local e mesmo de alfabetização dos que não puderam aceder à escola para aprender a ler e a escrever. Para além deste ensino/aprendizagem cognitivo que as associações promoveram em Portugal, essencialmente após o 25 de abril, embora inicialmente “muitas práticas de uma animação imposta de cima para baixo não funcionaram [...]” (Lopes, 2007, p. 129), o associativismo foi e é semente de construção identitária e de transmissão de outros saberes e valores:

Nas associações, através da participação de todos quantos delas fazem parte, ou que de alguma forma com elas se relacionam (comunidade), há uma constante procura da promoção de valores imprescindíveis à felicidade humana. Interajuda; cooperação; solidariedade; partilha; generosidade; humanismo... são valores presentes no associativismo que o orientam, tornando as associações espaços de ensino/aprendizagem, escolas de verdadeira cidadania, promotoras da cultura, do desporto, da recriação e do desenvolvimento social e humano.

A propósito das associações, Malheiro (1996) considera-as espaços onde por um lado se exercem e por outro se reclamam direitos, sendo esta dualidade que permite uma vida genuinamente humana e feliz (Cunha e Pereira, 2015, p. 191).

Com isto não queremos dizer que o associativismo não achesse crises na sua reprodução cultural, continuidade e sustentabilidade. O 25 de abril foi uma porta que abriu a entrada à liberdade, à liberdade de expressão e de associação e que, em consequência, possibilitou o nascimento e o desenvolvimento exponencial de associações recreativas, culturais e desportivas – as ARCD – que fomentou a coesão social, a identidade cultural e a participação comunitária em territórios essencialmente mais desprovidos da cultura veiculada pelo

Estado-Nação. No século XXI assiste-se a uma estagnação deste associativismo que muitas vezes está vivo nos estatutos legais, mas em modo de sobrevivência nas práticas sociais. Em algumas localidades as associações reinventam-se aliando práticas tradicionais às novas tecnologias da comunicação, mas parece evidente a crise instalada em centenas e centenas de associações nascidas há cerca de 50 anos ou mais.

O triunfo da cultura do ócio está conduzindo à separação radical entre o esforço dos cinco dias de trabalho e a busca frenética de diversão aos fins-de-semana [...]. O ócio de consumo é uma experiência pela metade, uns são os que produzem as experiências e outros os que a desfrutam. Isto explica que os direitos dos cidadãos estão frequentemente a ser substituídos pelos direitos e responsabilidades dos consumidores. Perante esta situação, a sociedade deve implementar novas vias de participação que permitam à pessoa expressar as suas emoções e sentimentos no seu meio comunitário (Cabeza, 2006, p. 137).

Neste texto damos conta de algumas das atividades desenvolvidas por esse associativismo cujo auge parece ter sido atingido no final dos anos 80 do século XX. E foram muitas as trocas, as criações culturais, foram muitos os tempos e espaços de desenvolvimento das relações humanas e do sentido de comunidade:

O associativismo pelas suas características apresenta-se como um fenómeno social de grande riqueza, no qual as relações humanas assumem um lugar de destaque. As relações humanas são indiscutivelmente a pedra basilar do associativismo. Delas resulta a promoção de valores como a amizade, a solidariedade, a ajuda e o companheirismo. Os indivíduos unem-se em torno de objetivos comuns e agem tendo em vista o interesse do coletivo.

O associativismo é, pois, um fenómeno que contribui para que as populações melhor se organizem, rentabilizando espaços e equipamentos, melhorando as condições de vida das comunidades e fazendo chegar a sua voz junto dos poderes instituídos (Cunha e Pereira, 2015, p. 192).

Como veremos, a animação comunitária feita a partir da recolha, sistematização e exposição de materiais etnográficos teve animação, mas não explicitamente animadores. Não houve uma separação epistemológica entre sujeito e objeto; entre animador e animado. Houve muita implicação de todos em todas as etapas do processo que culminou numa exposição etnológica estando a animação presente em todas elas. Concordando com José António Caride,

Em suma, partindo do princípio que a participação é o começo e o canal através do qual é possível conciliar a autonomia das pessoas com links para tarefas ou projetos em grupo, que reduzam a distância entre quem decide e sobre os que se decide, ou, como dizia Besnard (1988: 23), entre “decisores” e “decididos” [...].

Neste sentido, não pode ser ignorado que uma característica relevante da animação sociocultural deve continuar a ser a aceitação “radical” do princípio da democracia cultural (em contraposição do que invoca a democratização ou a gestão cultural), entre cujos pressupostos se assume com valentia a necessidade de que sejam as pessoas, a partir da tomada de consciência e da reflexão sobre

as suas próprias realidades, quem protagoniza a sua transformação com propósitos de melhoria (Caride, 2011, pp. 28-29).

A este propósito, Glória Perez Serrano e Maria Luísa Sarrate (2011) recorrem à etimologia da animação, *anima* e *animus*, respetivamente remetendo para a ideia de dar ânimo, alma e alento (movimento de fora para dentro) e para a ideia inversa (de dentro para fora) em que

o animador considera-se mais um do grupo. Neste sentido, a animação identifica-se com a ideia de “atuar em”, “atuar dentro de” ou “desde o interior”. Estas duas maneiras de entender a animação sociocultural (ASC) são, uma de cada vez, diferentes e complementares, enquanto supõem uma força centrípeta e outra centrífuga, que contribuem para harmonizar as sinergias dinamizadoras da animação (Serrano e Sarrate, 2011, p. 105).

No processo de construção e organização da exposição etnológica que descreveremos adiante, a animação [sociocultural] e implicação da comunidade esteve, nesta linha, sempre presente desde a recolha até à catalogação e exposição através da implicação. A dimensão relacional, através da troca de conhecimentos e de construção de caminhos para a prossecução do projeto bem como o desenvolvimento comunitário visível no empoderamento, implicação e autonomia dos sujeitos, grupos e famílias que assumiram o processo como seu estiveram sempre presentes pelo que não são, portanto, apenas uma questão de produto final.

RECOLHA, EXPOSIÇÃO E ANIMAÇÃO: INVESTIGAÇÃO DE SI E ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

Após o desafio desses jovens, acolhido por uma associação cultural, recreativa e desportiva, o ARCUDA, cuja secção cultural viria a dar origem a uma nova Associação, o GECT, avós, pais e netos viram-se juntos a procurar elementos e objetos culturais que pudessem ser expostos, devidamente identificados numa ficha temática, num centro cultural onde não houve a clássica separação de artistas e público, de quem anima e de quem é animado.

Os proponentes do projeto de pesquisa, animação sociocultural e educação social, alguns recém-licenciados e com conhecimentos etnográficos, antropológicos e museológicos, limitaram-se a dar alguma informação inicial sobre os objetos que poderiam ser recolhidos, catalogados e expostos, através dum processo mediador e emancipador de quem vai ganhando gosto pela pesquisa etnográfica. O grupo local de escuteiros envolveu-se e ajudou imenso no levantamento e simultaneamente sensibilização e educação social para a valorização do património e história locais. Houve, assim, consciencialização de si, de cada família, e da comunidade em geral, sobre o seu passado, presente e antecipação futura.

O público que visitou, durante os três meses de julho, agosto e setembro de 1985, a exposição etnológica temporária, foi simultaneamente a equipa de investigação que em colaboração com os mediadores puseram toda uma comunidade, com mais de 2000 habitantes, a fazer, em tempo livre e em tempo de ócio e não só, a pesquisa que lhes deu prazer, realização e contributo para o autoconhecimento familiar e comunitário.



Figura 1

A exposição criou espaços autónomos para artefactos agrícolas, alfaias, traje tradicional, instrumentos musicais, a taberna/mercearia com as medidas e balanças para pesar, e onde se vendia milho, farinha, café, vinho, refrigerantes, etc., o quarto e a cozinha tradicionais, entre outros (cf. foto).

No domínio das alfaias agrícolas podiam observar-se os ancinhos diversos, tudo com ficha indicando o proprietário que cedeu para exposição, bem como a descrição das funções, a grade (alfaia tradicional para gradar a terra, alisar a terra, puxada por boi/vaca/mula...), o rodo de madeira para juntar milho e outros cereais, a pá do forno, etc.

No quarto tradicional podia observar-se a cama de ferro, feita tradicionalmente, a arca com roupa e atalhados, bacia para lavar mãos e rosto, entre outros.

No âmbito do traje encontrávamos o traje tradicional masculino e feminino, a roupa de trabalho e a “roupa de domingo”, etc.

Também a referência à água, um produto fundamental ao desenvolvimento de Albergaria dos Doze, ligado à paragem dos comboios da linha do Norte, na 21ª estação, a partir de Santa Apolónia, estava bem presente na exposição etnológica. Recuperaram-se memórias da exploração da água em minas locais, para ser vendida para diferentes sítios do país, o que aconteceu a partir de 1863, como mostra o logotipo seguinte e a sua máxima inscrita: “Albergaria dos Doze, rainha das águas de mesa. A preferência do público e a sua venda contínua, há quase um século, atestam a superioridade desta magnífica água de mesa”.



Figura 2

Também a água da fonte dos Poços foi vendida em bilhas de barro aos passageiros dos comboios que ali paravam (cf. desenho seguinte). Quando os comboios eram puxados por máquina a vapor, não havia nenhum que não parasse na estação local para se reabastecer. Aqui esteve instalado um depósito de água de 200 mil litros, contíguo à Linha do Norte, 21^a estação, que acumulava as águas vindas do túnel, o mais longo da linha do Norte, inaugurado em 1863, destruído no primeiro semestre de 1997, durante a requalificação desta via ferroviária, e que serviu, durante bastos anos, para o abastecimento das máquinas a vapor que aqui paravam.

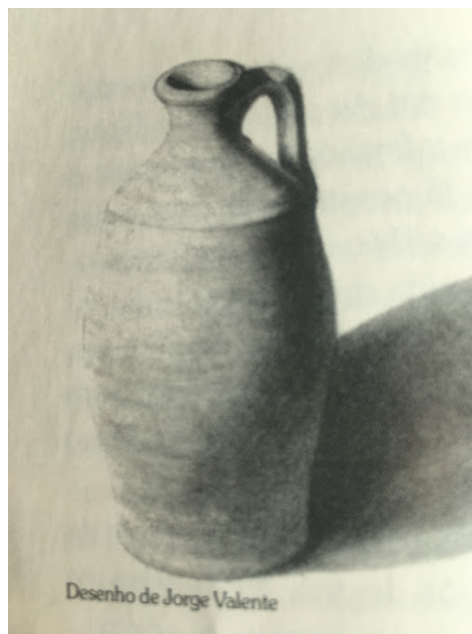


Figura 3

Tal como se saciava “a sede ao comboio”, fazia-se o mesmo aos passageiros que compravam pela quantia de dois escudos e cinquenta centavos, uma bilha com cerca de um litro. Com a

eletrificação da via férrea, desapareceu a necessidade desta paragem obrigatória, já que a frequência de entrada e saída de passageiros não a justificava por si só. O comércio das bilhas com água e o tão característico pregão da população local “bilhas com água” estava condenado. Toda esta história e todas estas memórias foram invocadas, lembradas e transmitidas, de forma heterogénea e complementar, conforme o “background” cultural dos visitantes e intérpretes que observavam a exposição etnológica que aqui apresentamos.

Mais do que descrever exaustivamente a exposição, seja com palavras, seja com desenhos ou fotografias, o que interessa reter é essa ideia de como um projeto foi assimilado como coletivo e implicou diversas gerações na pesquisa, na sistematização e exposição de um património cultural alargado e exposto, que consciencializou todos para a sua importância, que animou e criou espaços e tempos de ócio, e que permitiu a transmissão cultural entre gerações, a animação de toda uma freguesia e o seu desenvolvimento comunitário.

ÓCIO, LÚDICO E INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA: ALGUMAS IDEIAS CONCLUSIVAS SOBRE MEDIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

A iniciativa cultural descrita preencheu o tempo livre de todos e foi um tempo de ócio sem negócio; quer dizer, de sentido(s) existenciais para toda uma comunidade e sem qualquer contrapartida lucrativa. De envolvimento pessoal e de desenvolvimento comunitário. O projeto fomentou a coesão social, a qualidade de vida dos sujeitos e transformou e revivificou o quotidiano duma aldeia que se desenvolveu na medida em que se pesquisou a si própria, pensou, transformou, animou, emancipou, educou e comunicou das mais diversas formas e linguagens: sugestões interpares, intergeracionais e interculturais, trabalho de grupo que atualizou tempos e contextos de décadas anteriores, fotografia, filmes, reportagens de jornais e da própria televisão que fez cobertura.

O público que visitou durante 3 meses a exposição etnológica temporária foi simultaneamente a equipa de investigação que em colaboração com os mediadores puseram toda uma comunidade, com mais de 2000 habitantes, a fazer, em tempo livre e não só, a pesquisa que lhes deu prazer, realização e contributo para o autoconhecimento familiar e comunitário... A iniciativa cultural preencheu o tempo livre de todos, fomentou a coesão social, a sua qualidade de vida, e transformou e revivificou o quotidiano duma aldeia que se desenvolveu na medida em que se pesquisou, pensou, transformou, animou, emancipou, educou e comunicou das mais diversas formas e linguagens: sugestões interpares, intergeracionais e interculturais, trabalho de grupo que atualizou tempos e contextos de décadas anteriores, fotografia, filmes, reportagens de jornais e da própria televisão.

As pessoas gostaram tanto que idêntica exposição se repetiu em julho de 1987, organizada agora pelo GECT, a propósito das Comemorações do 1.º Aniversário do Jornal “Os Doze” (mensário de Albergaria dos Doze), desta vez nas instalações em construção para a Casa do Povo de Albergaria dos Doze.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cabeza, M. C. (2006). Ócio e animação: novos tempos in Peres, A. M. e Lopes, M. S. (coords.), *Animação, cidadania e participação*. Chaves: APAP, pp 126-139.
- Caride, J. A. (2011). As identidades da animação sociocultural nas fronteiras da sociedade globalizada in Pereira, J. D. L.; Lopes, M. S. (coords.). *As fronteiras da animação sociocultural*. Chaves: Intervenção, pp. 28-29.
- Cunha, F.M.B. e Pereira J.D.L. (2015). O associativismo como espaço de práticas e educação intergeracional in Pereira, J. D. L.; Lopes, M. S. e Rodrigues, T. M. M. *Animação sociocultural, gerontologia e educação intergeracional: Estratégias e métodos de intervenção para um envelhecimento ativo*. Chaves: Intervenção, pp 191- 200.
- Lopes, M. (2007). A animação sociocultural e a gestão cultural: o exemplo português in Peres, A. e Lopes, M. *Animação sociocultural, novos desafios*, Chaves: APAP, pp. 129-149.
- Serrano, G. P e Sarrate, M. L. (2011). Epistemologia da animação sociocultural in Pereira, J. D. L.; Lopes, M. S. (coords.). *As fronteiras da animação sociocultural*. Chaves: Intervenção, pp. 105-119.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Ana Maria Vieira

Doutora em Ciências da Educação, na área da Educação Social e Mediação Sociopedagógica e Mestre em Ciências da Educação – História e Problemas Atuais da Educação. É, atualmente, professora adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e Investigadora Integrada do CICS.NOVA.IPLeiria. A sua investigação incide sobre Educação Social, Pedagogia Social, Mediação intercultural, Mediação Sociopedagógica, Mediação sociocultural, Trabalho Social e Indisciplina, áreas onde tem publicado em livros, revistas nacionais e estrangeiras, e onde tem desenvolvido comunicações que tem apresentado em congressos nacionais e internacionais.

Trabalhou em Portugal com Américo Peres, professor agregado da UTAD, e em Espanha com José António Caride, professor catedrático da Universidade de Santiago de Compostela.

Endereço eletrónico: ana.vieira@ipleiria.pt

Cristóvão Margarido

Assistente social, Mestre em Toxicodependência e Patologias Psicossociais e Doutor em Serviço Social pela Universidade Católica. Atualmente, é Subdiretor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria onde desempenha funções como Professor Coordenador do Departamento de Ciências Sociais e coordena a Licenciatura em Serviço Social. Investigador do CICS.NOVA.IPLeiria, tem desenvolvido investigação em áreas diversas como reinserção de toxicodependentes, identidades pessoais e profissionais, e formação em Serviço Social. Paralelamente, tem sido responsável pela avaliação externa de vários projetos de mediação e intervenção social, financiados por entidades públicas e privadas.

Endereço eletrónico: cristovao.margarido@ipleiria.pt

José Carlos Marques

Doutorado em Sociologia. Professor Coordenador Principal do Instituto Politécnico de Leiria e Investigador do CICS.NOVA.IPLeiria. Os seus interesses de investigação têm incidido sobre os fluxos migratórios portugueses, a diáspora portuguesa, a integração dos migrantes, as práticas transnacionais dos migrantes, políticas migratórias e migrações qualificadas. Nos seus projetos de investigação mais recentes tem dedicado atenção aos atuais fluxos de emigração portugueses, às práticas de discriminação no mercado de trabalho, e às expectativas e práticas de regresso dos emigrantes portugueses.

Endereço eletrónico: jose.marques@ipleiria.pt

Pedro Silva

Sociólogo, docente e investigador, tem vindo a cruzar as preocupações das sociologias da educação, da família e da infância nas suas pesquisas. O tema da relação escola-família tem constituído o cerne da sua atividade investigativa, com tradução em várias publicações, individuais e coletivas. A etnografia, a educação e mediação interculturais e as TIC constituem outros polos de interesse. Licenciado em Sociologia (ISCTE, Lisboa), Mestre em Análise Social da Educação (Boston University) e Doutor em Ciências da Educação (Universidade do Porto), é Professor Coordenador com Agregação da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria e membro do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIEE. Universidade do Porto) e do CICS.NOVA.IPLeiria.

Endereço eletrónico: pedro.silva@ipleiria.pt

Ricardo Vieira

Doutor em Antropologia Social, Pós-doutor em Serviço Social, Agregado em Antropologia da Educação pelo ISCTE e Mestre em Antropologia Social e Sociologia da Cultura pela FCSH-UNL. No ano de 2000, foi galardoado com o Prémio Rui Grácio, prémio nacional para o melhor trabalho de investigação em Educação realizado em Portugal, SPCE.

É, atualmente, Professor Coordenador Principal da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, Coordenador do Mestrado da ESECS-IPLeia, “Mediação Intercultural e Intervenção Social”, membro da RESMI - Rede de Ensino Superior em Mediação Intercultural -, Professor Decano do Instituto Politécnico de Leiria e Investigador Integrado do CICS.NOVA.IPLeia.

A sua investigação incide sobre identidades pessoais, sociais e profissionais, histórias de vida e interculturalidade, mediação intercultural, pedagogia social, intervenção social e gerontologia social, matérias sobre as quais tem vários textos e livros publicados em Portugal e no Estrangeiro.

Trabalhou em Portugal com Raul Iturra, e em França com Pierre Bourdieu, François Bonvin, Monique Saint-Martin e Marie Elisabeth Handman.

Endereço eletrónico: ricardo.vieira@ipleiria.pt

Rui Matos

Professor Coordenador na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (onde leciona desde 13 de novembro de 1989 - 4 dias após a queda do Muro de Berlim), da qual foi diretor entre 2013 e 2017; Doutoramento em Motricidade Humana (2008) pela Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica de Lisboa; Mestre em Desenvolvimento Motor da Criança(1997), pela mesma Faculdade; Licenciado em Educação Física - Ramo de Formação Educacional (1989), pelo Instituto Superior de Educação Física de Lisboa, atual Faculdade de Motricidade Humana; Autor de diversos livros e artigos técnico-científicos na área do Desporto; Atual subcoordenador do Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV); Revisor e elemento do corpo redatorial em diversas revistas internacionais; Escritor premiado em diversos concursos literários; autor de mais de uma dezena de livros, a maioria para um público infantojuvenil; Criador da modalidade desportiva Tripela, em 2008; Ex-treinador de futebol e de andebol; Tem como principal objeto de estudo o comportamento motor, nas componentes controlo, aprendizagem e, sobretudo, desenvolvimento.

O Ócio, o Jogo e a Brincadeira produzem aprendizagens, criatividade, reflexividades e são mediados não só por terceiras pessoas, mas também pelas circunstâncias sociais da história de vida dos implicados. Nestes processos há comunicação, consigo próprio, através da reflexão com o eu e com o outro com quem se joga ou brinca. E comunicação é mediação, seja intramediação, nessa autoconhecimento e autodefinição de si, em que a reflexão é fulcral para a definição da auto-identidade, seja intermediação com o(s) outro(s) com quem se brinca ou joga, sejam eles pares ou gerações jovens, adultas, ou mais velhas.



Centro Interdisciplinar
de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeia

